

UMA FLORA DOS ARQUIVOS?¹

Pesquisa tipológica de fontes de arquivo da era moderna (séculos XVI-XVIII)²

Eddy Put - Pesquisador sênior dos *Archives de l'État en Belgique* e professor na KU Leuven-Bélgica

Tradução: Marcelo Antonio Chaves

Revisão: Heloísa Liberalli Bellotto

Jovem Arquivista quinze anos atrás, às vezes eu presidia a sala de leitura dos Arquivos Gerais do Reino em Bruxelas. Certa manhã, tive uma discussão com uma estudante de história da arte que procurava, para sua dissertação, documentos sobre uma pintura na Catedral de *Sainte-Gudule*, em Bruxelas. Ela consultara o inventário recente desses fundos, em três volumes impressionantes; visivelmente ela não estava satisfeita com isso. Ela percorrera o volumoso índice, mas não encontrara qualquer referência para a pintura em questão. Sua conclusão: o inventário é mal feito! Tentei, cautelosamente, explicar-lhe que um índice apenas dá acesso ao inventário, que é a representação do fundo; que um índice não pode abranger todo o conteúdo dos fundos. Minha resposta claramente não a convenceu. Sugeri-lhe, então, algumas pistas a seguir, principalmente as contas e as atas do capítulo³, que são séries importantes repletas de informações de todos os tipos, portanto, provavelmente também sobre a encomenda e o pagamento da pintura em questão. A moça queixosa finalmente saiu da sala de leitura, sem dúvida seriamente decepcionada com o mau serviço que recebera nos Arquivos Gerais do Reino. Eu nunca mais a vi.

“Analfabetismo documental” versus “conhecimento cibernético”

Ao revisar esse pequeno incidente, devo admitir que não havia detectado a síndrome da referida garota. Ela claramente sofria - eu percebo isto agora - do que eu chamaria de "analfabetismo documental". Ela não tinha ideia de como traduzir suas perguntas em termos arquivísticos. Ela não sabia como julgar a riqueza e o potencial dos fundos em questão porque não podia imaginar o conteúdo oculto por trás de descrições formais de contas, de atas, de livros de resolução etc.

Os sintomas dessa doença nós os reconhecemos com muita facilidade: pula-se a introdução do inventário, passa-se imediatamente ao índice e logo se pergunta: "o que vocês têm sobre isso ou aquilo, ou tal assunto?". Pede-se informações; no entanto, nunca se solicita documentos. As ferramentas de busca nos dão a ilusão de que cada informação estará acessível em segundos. O que não se consegue encontrar com o *Google* 'não vale a pena'. Vi pesquisadores qualificados afetados por esse gosto pela facilidade. Elisabeth Yakel observou com razão que a presença de descrições de notas de pesquisa de arquivos na internet não melhorou necessariamente o acesso intelectual⁴. O analfabetismo documental ainda existe e pode estar mais disseminado do que nunca. Felizmente, existe um remédio para isto. A solução mais draconiana é um curso acelerado de enciclopédia de fontes de arquivos. Vinte anos atrás, Paul Klep insistiu nisso em um artigo muito interessante e sempre atual, publicado no *Nederlands Archievenblad*⁵. Qualquer um que estude o processo de formação e a tipologia de documentos e que entenda as limitações da representação arquivística, consegue um avanço considerável na pesquisa.

Os arquivistas conhecem o dilema da descrição formal. Documentos avulsos, frequentemente menos importantes, são descritos em detalhes, enquanto que as séries essenciais recebem apenas uma descrição formal (contas, registros paroquiais, arrolamentos etc.), seguidas por uma lista de números e datas sem fim. Eu me encontrava no mesmo dilema quando fui responsável pela descrição dos arquivos do Conselho de

¹ "Flora" é um conceito da taxonomia geobotânica, que significa um conjunto de plantas de determinada região, era geológica ou ecossistema. O autor toma-o emprestado para propor a criação de ferramenta tecnológica que facilite a descrição de documentos a partir de grandes conjuntos documentais, conforme se verá adiante. Daí, o termo que foi traduzido como "Flora dos arquivos" [N.T.].

² Artigo traduzido a partir de: Eddy Put, « Une flore d'archives? », in Martine Aubry, Isabelle Chave et Vincent Doom (dir.), *Archives, archivistes, archivistique dans l'Europe du Nord-Ouest du Moyen Âge à nos jours*, Villeneuve d'Ascq, IRHiS (« Histoire et littérature de l'Europe du Nord-Ouest », no 36), 2007 [En ligne], mis en ligne le 14 octobre 2012, consulté le 19 avril 2013. URL: <http://hleo.revues.org/185>.

³ *les actes du chapitre*, no original. Refere-se a atas de Conselhos de membros da Igreja. Unidades administrativas da Igreja católica [N.T.].

⁴ E. Yakel, « The impact of internet-based discovery tools on use and users of archives », *Comma*, 2003, p. 191-200.

⁵ P. Klep, « Broncommentaren : een geschikte nadere toegang? », *Nederlands Archievenblad*, n° 85, 1981, p. 388-399.

Brabant, um tribunal que nos deixou documentos altamente técnicos, difíceis de acessar, mas de evidente interesse.

A descrição e a classificação das séries não apresentavam grandes problemas; como todo arquivista sabe por experiência própria, esse é um trabalho que progride bastante bem. E ainda assim, eu ficava desconfortável. Eu me sentia como o motorista de táxi- é uma metáfora de Michael Fox- que conduz seu cliente a um banquete adorável, mas o deixa na frente do restaurante, sem adentrá-lo, sem lhe mostrar sua mesa. Não fiz o índice pela simples razão de que os únicos nomes de interesse eram os nomes dos escrivães,⁶ dos secretários e dos conselheiros do tribunal. Havia ainda outro valor agregado: a descrição de cada série é precedida por uma introdução bastante detalhada sobre o contexto e a estrutura da série em questão, de acordo com as diretrizes da ISAD(G). O pesquisador comum, sem saber como se comportar, como representar livros de relatórios, opiniões, pesquisas e informações preparatórias, poderá encontrar ali um ponto de partida para sua pesquisa.

A forma versus a informação⁷

Em última análise, é a forma que é mais importante. Isto não é evidente, no entanto, porque o documento não está mais na moda hoje. Bruno Delmas escreveu em 1999: "Aquilo que tradicionalmente chamamos de documento teve seu tempo, não é mais interessante, não corresponde mais às necessidades, nem à realidade e agora está desaparecendo diante da única realidade que importa: a informação. Essa é a vulgata dos lugares comuns contemporâneos".

A insistência no alcance de um público cada vez maior significa que, cada vez mais, sentimos a pressão para abandonar nossa política de descrição clássica, por uma abordagem que leve em consideração nossos clientes, que frequentemente sofrem de analfabetismo documental, mas, por outro lado, são muito versados em navegar na internet, clientes que exigem de nós a mesma familiaridade. Em um artigo recente e bastante inspirador, Michael Fox pleiteou por um limite mais baixo e pela criação de pacotes básicos, por assim dizer, que permitam esse acesso. Tudo isso acobertado pela ideia do *direct access e do accept the fact our users are not like us*.⁸

Entendo que nossos "clientes" não são como nós, mas estará o mundo de cabeça para baixo se tivermos que adaptar nossa política à sua falta de alfabetização documental. Os arquivistas e seus instrumentos de pesquisa encaminham os pesquisadores para as fontes. Mas até onde vão eles? Os arquivistas, eles também se debatem com a dificuldade de acesso às grandes séries. Obviamente, pode-se prever a confecção de um índice ou mesmo uma publicação completa, mas não é preciso dizer que ambos seriam realizados com alto coeficiente de trabalho. Não há solução intermediária. É por isso que o entendimento da tipologia documental é tão importante. A arquivística e a diplomática nos ensinam que o tipo de um documento é o reflexo da sua função. Aquele que compreender sua razão de ser ou seu fundamento terá controle sobre o documento. Não é apenas um reservatório de informação, é- em sua forma, em sua estrutura- uma fonte em si.

A atenção pela tipologia das fontes não é nova. Arquivistas e diplomáticos ocupam-se disso há muito tempo. Para a Idade Média, há o manual de Maria Milagros Cárcel Ortí e, sobretudo, a *Typologie des sources du Moyen Âge occidental*, iniciada por Léopold Génicot. A tipologia das fontes da Idade Média ainda está para ser dominada, a produção de arquivos nos séculos XIX e XX é muito mais diversificada e pouco clara. Mas aqui também são feitos esforços para chegar a uma abordagem tipológica. Gostaria de me referir à edição especial de *La Gazette des archives* (172, 1996) e ao livro de Louise Gagnon Arguin, *Typologie des documents des organisations: de la création à la conservation, Sainte-Foy* (Québec), 1999.

Para o período entre os séculos XVI e XVIII, não há muito entusiasmo; os pesquisadores ficam

⁶ *greffiers*, no original [N.T.].

⁷ *La forme versus l'information*, no original. Este é um dos pontos centrais do artigo. Porém, o que o autor chama de forma, a rigor, conforme terminologia arquivística brasileira, chamaríamos de tipo documental, pois é disso que se trata. No entanto, opto por manter o termo traduzido na sua forma mais literal, nesta passagem, a fim de respeitar o uso do autor [N.T.].

⁸ [acesso direto e aceito o fato de que nossos usuários não são como nós. N.T.] M. Fox, «Structure and Meaning in Tools for Resource Discovery» (http://www.naa.gov.au/recordkeeping/rkpubs/fora/ICA_Oct03/resource_discovery.pdf).

assustados com o número e a diversidade de documentos. De fato, é verdade que o Antigo Regime nos deixou uma gama muito rica de fontes de arquivos. Há centros de pesquisa que tratam do estudo tipológico do Antigo Regime: a *École des chartes* em Paris⁹ e o *Institut voor Nederlandse Geschiedenis* em Haia; na Alemanha e na Áustria há uma longa tradição na *Aktenkunde des Temps modernes*. Menciono apenas o nome do pioneiro Heinrich-Otto Meisner, que em 1952 publicou seu *Urkunden - und Aktenlehre der Neuzeit*. Sem dúvida, ainda existem outros centros de pesquisa.

O sonho de Gatterer

Os arquivistas elaboram instrumentos de pesquisa de natureza muito diversa: guias, resumos gerais de fundos, inventários clássicos, inventários analíticos etc. Podemos nos perguntar onde localizar as informações tipológicas para o usuário: em folhetos separados, na introdução do inventário, em anotações vinculadas a um artigo ou a uma série, em um guia, em uma edição de textos? Acredito que essa informação deva ser inserida bem próxima das descrições dos documentos. Esse procedimento tem a vantagem de encaminhar o usuário imediatamente para as informações sobre o contexto. Foi também a solução que eu finalmente escolhi para o inventário do Conselho de Brabant. A descrição de cada série é precedida de uma introdução com uma nota explicativa sobre a constituição da série e sua função no processo. No entanto, devemos nos perguntar se não é mais útil conceber uma tipologia global, que nos forneça um quadro de referência para as formas mais correntes? Os mesmos registros de sentenças, as mesmas funções e inquéritos, de fato, existem em muitos outros fundos de tribunais da época moderna. Mesmo que as divergências sejam levadas em consideração, uma tipologia global poderia agregar um valor muito importante.

Johann Christoph Gatterer, professor da Universidade de Göttingen no século XVIII, já tinha a ideia de mapear sistematicamente a produção de documentos, tal qual Lineu havia realizado a classificação da natureza.¹⁰ Este é um projeto típico do século XVIII; houve reações de desdém, mas o ponto de partida ainda é válido. É a base da *sistematische Aktenkunde*, que quer estabelecer uma grade de classificação para todos os tipos de documentos administrativos.

Se a atenção da diplomática clássica se concentra principalmente nos documentos diplomáticos, os arquivistas se interessam principalmente pelo processo de formação de séries, que eram muito frequentes entre os séculos XVI e XVIII. Precisamos de uma classificação desses documentos seriados, pelo menos os mais comuns. Portanto, devemos abandonar o ponto de vista estritamente diplomático de documentos isolados por uma abordagem que vise o exame da série na sua totalidade.

Uma flora dos arquivos?

Se é verdade que muitos de nossos clientes não sabem como representar as séries descritas de maneira formal, lhes é necessário um instrumento específico que lhes permitam superar esse problema. A tecnologia oferece possibilidades interessantes. Uma enciclopédia digital, incluindo uma descrição de cada tipo de fonte, imagens, uma história administrativa e uma bibliografia básica, me parece um bom ponto de partida. Se queremos identificar uma planta, consultamos uma flora, na internet ou no papel, mas para a rica flora dos arquivos, não há um quadro de referência. Podemos mencionar - em nível nacional - algumas publicações que deram um impulso significativo; penso, particularmente, no *Dictionnaire des archives* e nas obras de Paul Delsalle para a França,¹¹ no livro *Die archivalischen Quellen* de Beck e Henning, na Alemanha e, sobretudo, na *Quellenkunde der Habsburgermonarchie (16.-18. Jahrhundert)*¹². Não conheço nenhum trabalho sistemático ou banco de dados da produção de arquivos na Europa na era moderna. A quais requisitos

⁹ B. Barbiche, «La diplomatie des actes de l'époque moderne, XVIe-XVIIIe siècle, Bilan et perspectives», *La Gazette des archives*, n° 172, 1996, p. 19-29.

¹⁰ Sobre o personagem de Gatterer e os aparatos diplomáticos, ver M. Mersiowsky, «Barocker Sammlerstolz, Raritätenkabinette, Strandgut der Säkularisation oder Multimedia der Aufklärung? Diplomatisch-paläographische Apparate im 18. und frühen 19. Jahrhundert», em E. Elsenlohr et P. Worm (éd.), *Arbeiten aus dem Marburger hilfswissenschaftlichen Institut* (Elementa Diplomatica, 8), Hessen, Philippuniversität Marburg, 2000, p. 229-241.

¹¹ *Dictionnaire des archives: français, anglais, allemand, de l'archivage aux systèmes d'information*, Paris, École des chartes, 1991; P. Delsalle, *La Recherche historique en archives, XVIe-XVIIe-XVIIIe siècles*, Paris, Ophrys, 1993.

¹² F. Beck et E. Henning, *Die archivalischen Quellen: eine Einführung in ihre Benutzung* (Veröffentlichungen des Brandenburgischen Landeshauptarchivs, 29), Weimar, Verlag Hermann Böhlaus Nachfolger, 1994 (2); J. Pauser, M. Scheutz et Th. Winkelbauer, *Quellenkunde der Habsburgermonarchie (16.-18. Jahrhundert)* (Mitteilungen des Instituts für Österreichische Geschichtsforschung, Bd. 44), München, 2004.

um instrumento desse deve satisfazer, seja em papel ou em formato informatizado?

- O aspecto visual é extremamente importante: é essencial ter uma ideia do documento. Para documentos compostos, há o problema de não se poder folhear em uma tela bidimensional, mas isso é apenas uma desvantagem menor – É preciso dar ênfase sobretudo nas grandes séries documentais. As contas anuais são um bom exemplo. Fico surpreso com o fato de os pesquisadores qualificados não saberem como as contas anuais são estruturadas, qual é a relação com os documentos comprobatórios etc. No campo dos documentos avulsos, é especialmente necessário prestar atenção aos que foram produzidos em massa: as expedições das grandes chancelarias dos soberanos e seus conselhos, os atos despachados pelas chancelarias episcopais etc.; também a rica produção notarial deve ser considerada, como é frequentemente consultada pelo público em geral.
- É preciso insistir no vínculo que existe entre o documento e o produtor de arquivos. O usuário pode encontrar nos bancos de dados dos esquemas ou configurações dos fundos de arquivo mais comuns para o Antigo Regime: os capítulos, os senhorios, os ofícios, as abadias, as cidades etc. Para alguns, a ênfase é dada a essa produção interna, que é chamada em alemão de *Memorialschreibwerk*; em outros casos, haverá principalmente *externe Schriftstücke* ou expedições. É óbvio que existem determinadas configurações em vários tipos de arquivos. Menciono, por exemplo, a justiça, a gestão de uma área, a administração fiscal etc. Atenção especial deve ser dada a essas "famílias" de fontes, que são muito frequentes e que devem ser entendidas em seu contexto e em sua coerência.
- Menos erudição, mais orientação para o público em geral? É óbvio que a tipologia das fontes é apoiada por pesquisas especializadas e eruditas: elas devem ser continuadas e intensificadas. Porém, além disso, precisamos de uma ferramenta didática que poupe o público (geral). Esta opção não significa que jogaremos fora os mais importantes princípios da arquivística. O ponto de partida não é a informação procurada pelo usuário, mas a produção de arquivos, sua riqueza tipológica e seu contexto. Um banco de dados flexível fará a junção entre os dois.
- Devemos prestar atenção às possibilidades de uso? Paul Klep insistiu fortemente nisso. Estou convencido de que é extremamente importante, mas não podemos indicar todos os usos possíveis de cada tipo de documento. De qualquer forma, acho útil fazer referência a exemplos de uso intensivo. Por outro lado, o arquivista não pode ter a pretensão de prever o potencial de cada fonte de arquivos.
- A escala comparativa coloca problemas. Não é fácil mapear a produção de arquivos do Antigo Regime. Existem iniciativas locais que precisam ser desenvolvidas. Como existem floras em diferentes níveis, acredito que a integração dessas tipologias locais em um instrumento europeu poderia produzir elementos comparativos que ajudem a estudar a produção local e nacional sob uma nova perspectiva. Estou convencido de que esta é uma área fascinante de pesquisa. Ainda é necessário muito trabalho de erudição básico, mas, ao mesmo tempo, podemos tirar proveito dessas pesquisas para construir um instrumento que mostre ao público em geral a diversidade e a riqueza dos arquivos da era moderna.

Conclusão

A tipologia das fontes pode ser inovadora se for criativamente integrada aos instrumentos de pesquisa existentes e novos. O conhecimento da tipologia é um valor agregado no contato com fontes de arquivo, para arquivistas e para os pesquisadores. Os arquivistas encontram seu proveito em uma tipologia padronizada dos documentos que classificam e descrevem. É muito importante que reservemos o tempo e a energia necessários para esta tarefa. O esforço didático em relação ao público em geral é, igualmente, missão permanente. Ao mesmo tempo, devemos continuar o trabalho clássico, erudito, que está na base dos instrumentos de pesquisa desejados. Além disso, no ensino da ciência arquivística, sentimos a necessidade de um estudo muito mais profundo da tipologia. Já existem muitos arquivistas novatos que quase não tiveram documentos de arquivo reais em suas mãos e que- também eles- sofrem de um certo analfabetismo documental!

A estudante decepcionada de Bruxelas poderia ter sido ajudada por uma ferramenta de pesquisa tipológica? Não estou convencido disso. De qualquer forma, ela não teria sido servida com todo rigor.¹³ Uma flora de arquivos não é uma solução milagrosa, que sinalize que os artigos x, y e z contenham informações sobre o assunto desejado. Por fim, existem duas soluções para o analfabetismo documental: a adaptação dos instrumentos de pesquisa, mas também a "reeducação" dos pesquisadores. As pesquisas em arquivo exigem a intuição, a perseverança, conhecimento profundo e familiaridade visual com os documentos. As pesquisas em arquivos jamais serão fáceis.

¹³ *elle n'aurait pas été servie au doigt et à l'oeil*, no original [N.T].